



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EaD**

**MICALENE GABRIELLE DOS SANTOS CAVALCANTE**

**POÉTICAS ENTRE DANÇA E LIBRAS: A RELEVÂNCIA DA EXPRESSÃO  
CORPORAL COMO DISCIPLINA NOS CURSOS DE EXTENSÃO EM LIBRAS**

**PATOS - PB  
2021**

**MICALENE GABRIELLE DOS SANTOS CAVALCANTE**

**POÉTICAS ENTRE DANÇA E LIBRAS: A RELEVÂNCIA DA EXPRESSÃO CORPORAL COMO DISCIPLINA NOS CURSOS DE EXTENSÃO EM LIBRAS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus Patos*, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

**Orientador (a):** Prof. Esp. Juçara Lídia de Araújo Ângelo

**Coorientador (a):** Prof.Ma. Ana Cristina de Lucena Figueiredo

**CUITÉ DE MAMANGUAPE – PB  
2021**

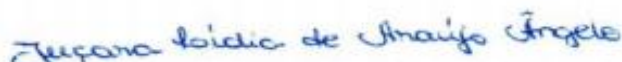
**MICALENE GABRIELLE DOS SANTOS CAVALCANTE**

**POÉTICAS ENTRE DANÇA E LIBRAS: A RELEVÂNCIA DA EXPRESSÃO CORPORAL COMO DISCIPLINA NOS CURSOS DE EXTENSÃO EM LIBRAS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

Patos, 18 de fevereiro de 2021.

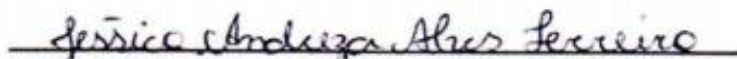
**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof<sup>ª</sup>. Esp. Juçara Lídia de Araújo Angelo

Orientadora – IFPB

  
Prof<sup>ª</sup>. Msc. Ana Cristina de Lucena Figueiredo

Coorientadora – IFPB

  
Prof<sup>ª</sup>. Esp. Jéssica Andreza Alves Ferreira

Avaliadora – IFPB

  
Prof<sup>ª</sup>. Msc. Joseilda Alves de Oliveira

Avaliadora – IFPB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE PATOS/IFPB

C376p Cavalcante, Micalene Gabrielle dos Santos

Poéticas entre dança e libras: a relevância da expressão corporal como disciplina nos cursos de extensão em libras/ Micalene Gabrielle dos Santos Cavalcante. - Patos, 2021.  
30 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Esp. Juçara Lídia de Araújo Ângelo

1. Dança 2. Libras 3. Metodologias de ensino 4. Inclusão I. Título.

CDU – 376:793

## RESUMO

Este artigo busca analisar a relevância da dança inserida em cursos de extensão em Libras, considerando a poeticidade do corpo e suas interfaces entre as duas áreas de pesquisa. Para isso, o objetivo central perpassa pelo desenvolvimento corporal e metodologias utilizadas para essa construção. A metodologia utilizada nesse estudo baseou-se no tipo bibliográfica com revisão narrativa. Conforme produção desse estudo a coleta de dados se deu através de autores envolvendo os dois campos de estudos, da dança: CAVALCANTE (2018); JOSEPH (2010); LABAN (1978); HOLANDA (2002); OLIVEIRA (2017); SILVA (2015) e da Libras: CAVALCANTI (2011); BRASIL (2002); GOLDEFELD (2002), entre outros. Os resultados desse estudo dialogam com as principais metodologias de aulas envolvendo a dança inserida no contexto de surdos, com base em alguns autores considerando sua prática educacional. O estudo sugere que as metodologias criadas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento contribuem para quebra de paradigmas sociais e educacionais e possibilitam uma sociedade mais inclusiva.

**Palavras-chave:** Dança, Libras, Metodologias de ensino, Inclusão.

## ABSTRACT

This research search to analyze the relevance of dance inserted in the Libras extension courses, considering the poeticity of the body and its interfaces between the two areas of research, for this the central goal runs through the body development and methodologies used for this construction. The methodology used in this study was based on the kind bibliographic with narrative review, according to the production of this study, data collection it happened through authors involving both fields of study of the dance: CAVALCANTE (2018); JOSEPH (2010); LABAN (1978); NETHERLANDS (2002); CAVALCANTI (2011); of Libras: BRASIL (2002); GOLDEFELD (2002); OLIVEIRA (2017); SILVA (2015) and others. The results of this study are in dialogue with the main methodologies of classes involving dance inserted in the context of the deaf based on some authors considering their educational practice. The study suggests that the methodologies created by professionals contribute to break of social and educational paradigms and enables to one more inclusive society.

**Keywords:** Dance, Libras, Teaching methodologies, Inclusion.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> –Configurações de mãos	<b>22</b>
<b>Figura 2</b> –Leques coloridos	<b>23</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Possibilidades de comandos para dinâmica com foco na percepção espacial e visual	<b>24</b>
<b>Quadro 2</b> - Tipos de movimentos em Libras	<b>24</b>
<b>Quadro 3</b> -Análise de trabalhos	<b>26-27</b>



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO.....	12
2.2	SURDEZ E LIBRAS.....	14
2.3	POSSIBILIDADES CRIATIVAS EM DANÇACOM LIBRAS.....	16
2.3.1	<b>O corpo e sua distribuição no espaço.....</b>	<b>18</b>
2.3.2	<b>A dança como ferramenta no curso de extensão em Libras.....</b>	<b>19</b>
2.3.3	<b>Metodologias de dança nos cursos de extensão em Libras.....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>MÉTODOS.....</b>	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca, por meio da Língua Brasileira de Sinais, analisar a poeticidade em dança por meio da estrutura gramatical da Libras, compreendendo sua estrutura como disparador inicial, considerando as possibilidades de desenvolvimento corporal para o universo criativo e metodológico em ambas as áreas.

Por meio de experimentações e conduções teórico-práticas realizadas anteriormente, enquanto aluna/pesquisadora no curso de dança, compreendo que ambas as áreas (dança e Libras), embora estejam em campos diferentes, possuem relações diretas que, quando unidas, podem desenvolver potencialidades primordiais no campo das artes que ainda vem crescendo, principalmente na comunidade surda.

Dentre essas possibilidades, ressaltamos a autonomia, a criatividade e o desenvolvimento social e, se colocadas na grade curricular dos cursos de extensão em Libras, podem potencializar e promover um maior desenvolvimento corporal, além de expandir e promover uma maior interação entre culturas.

Considerando a proposta, guiada por um disparador que surge de elementos gramaticais da Libras e das possibilidades criativas da dança, enquanto pesquisadora desses dois universos, analiso as possibilidades corporais, espaciais, criativas e metodológicas a partir das interfaces e proximidades entre ambas as áreas, contribuindo para um processo artístico que aproxima e recria infinitas poeticidades de criação em ambos os lados. De um lado, sugere a criação em cena; de outro contribui para um melhor desempenho corporal do sinalizador.

Contudo, esse trabalho sugere refletir sobre as possibilidades de criação e da expressão corporal disparada pela gramática da Língua Brasileira de Sinais em interface com a dança, afim de contribuir para um universo mais acessível e interdisciplinar, considerando a poética indispensável para um olhar reflexivo, criativo e potencializador do conhecimento.

Segundo Gritti; Rodrigues (2019, p.47) “sabe-se que há muito ainda que se percorrer para conseguir uma educação que inclua, de fato, sem nenhuma forma de segregação”. Faz-se necessário a iniciativa desta pesquisa para promover uma troca de saberes entre surdos e ouvintes, dança e Libras, a fim de contribuir para um universo sem preconceito e com destaque para as possíveis conexões entre áreas distintas.

Pressupõe-se que, o trabalho criativo em dança aplicado por meio de atividades práticas vinculadas a Língua Brasileira de Sinais, colaboram para um processo de desenvolvimento corporal e linguístico.

A dança, quando interligada a Língua Brasileira de Sinais, visa estimular a capacidade de criação e de conhecimento das áreas atuantes, apresentando propostas de como se pode trabalhar a autocriação por intermédio da língua (Libras) e linguagem (dança), despertando novos olhares para as possibilidades de conexões entre áreas distintas.

Se pensarmos que todo sentimento tem sua maneira única de tradução, é possível compreender de fato essa singularidade de interpretação. Sendo ambas consideradas uma forma de comunicação, questiono-me como a expressividade corporal, guiada por elementos de danças, podem potencializar no campo da Libras quando inseridas nos cursos de extensão?

Para realizar os objetivos expostos nesse estudo, a metodologia fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, baseada em materiais já publicados de autores da dança: CAVALCANTE (2018); JOSEPH (2010); LABAN (1978); HOLANDA (2002); OLIVEIRA (2017); SILVA (2015) e da Libras: CAVALCANTI (2011); BRASIL (2002); GOLDEFELD (2002); entre outros.

Para tanto, essa pesquisa busca dar continuidade, por meio de análise teórica, as práticas realizadas no curso de graduação em dança, com um olhar poético e questionador sobre a relevância da dança nas aulas de Libras. Dessa maneira, buscamos compreender a potencialidade da expressão corporal dentro dos cursos de extensão em Libras.

Os objetivos traçados nesse artigo foram analisar a poeticidade em dança por meio da estrutura gramatical da Libras, considerando as possibilidades de desenvolvimento corporal para o universo criativo e metodológico em ambas as áreas, bem como investigar as contribuições da expressão corporal da dança para a Libras; compreender o espaço cinesférico da dança e da Libras; refletir sobre os parâmetros da Libras como possibilidade de criação em dança e analisar estratégias metodológicas envolvendo a dança e a Libras.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO

A educação é um elemento necessário a todos os indivíduos para um bom funcionamento social e à existência humana. Nessa perspectiva, o sujeito acompanha a evolução de cada época. Dessa maneira, os indivíduos aprendem à medida que interagem de maneira social com outros indivíduos, pois o meio social contribui para o pensamento crítico, tornando o sujeito reflexivo e autônomo em suas escolhas, pensamentos e necessidades, construindo novas possibilidades de entendimentos e aprendizagem que acontece ao longo da vida.

Os indivíduos não aprendem de forma isolada, mas em conjunto com os seus semelhantes, vinculados à sua época e ao seu tempo histórico. Nessa perspectiva, os seres humanos são compreendidos enquanto seres históricos e sociais que têm como características principais a capacidade de aprender e se desenvolver de forma interdependente no grupo social. (SCHLÜZEN, E.; RINALDI, R.; SANTOS, D. 2011, p.150).

Em uma perspectiva geral sobre educação inclusiva, o sujeito aprende por meio da interação social e coletiva. Para tanto, a história da educação de surdos é marcada por momentos históricos que, inicialmente, se opõe a essa visão inclusiva. Podemos compreender as 4 fases desse processo da seguinte forma:

A primeira delas corresponde ao período anterior ao século XIX, chamada de “fase da exclusão”, na qual a maioria das pessoas com deficiência e outras condições excepcionais era tida como indigna da educação escolar. Nas sociedades antigas era normal o infanticídio, quando se observavam anormalidades nas crianças. Durante a Idade Média a Igreja condenou tais atos, mas por outro lado, acalentou a ideia de atribuir a causas sobrenaturais as anormalidades de que padeciam as pessoas, explicando-as como punição, em decorrência de pecados cometidos. Assim, as crianças que nasciam com alguma deficiência eram escondidas ou sacrificadas (BLANCO 2003, p. 72 *apud* SOUZA 2018, p.33-34).

Nessa primeira fase da exclusão, as pessoas com algum tipo de deficiência eram consideradas indignas, sendo privados de interagir com o meio social e proibidos de frequentar locais públicos. Segundo Sasaki (1997 p.30) “[..]A exclusão ocorria em seu sentido total[...]” ou seja, as pessoas deficientes eram excluídas do meio social, visto ainda

que, na antiguidade, as pessoas deficientes eram consideradas “diferentes” dos padrões sociais que eram impostos perante a sociedade.

A segunda fase diz respeito à fase da segregação. Nessa fase, considera-se fundamental a necessidade de criar escolas para as pessoas consideradas “deficientes”, com o intuito de promover a formação para o mercado de trabalho. De acordo com Schlüzen, *et al.* (2011, p.150) “O sistema educacional brasileiro cria dois subsistemas (Educação comum e Educação especial), aparentemente com os mesmos objetivos, ou seja, “formar o cidadão para a vida em sociedade e no trabalho”. Nessa fase, os sujeitos eram separados de acordo com os tipos de deficiências diagnosticadas.

A terceira fase, conhecida como integração, recebe esse nome devido à separação dos sujeitos de acordo com seus diagnósticos.

Na segunda metade do século XX, especialmente a partir da década de 70, seria a terceira fase que constitui a fase da integração, quando o portador de deficiência começou a ter acesso à classe regular, desde que se adaptasse e não causasse nenhum transtorno ao contexto escolar. Embora a bandeira da integração já tivesse sido defendida a partir do final dos anos 60, nesse novo momento houve uma mudança filosófica em direção à ideia de educação inclusiva: uma escola para todos integrada, ou seja, escolas regulares aceitando crianças ou adolescentes deficientes nas classes comuns ou, pelo menos, em ambientes o menos restrito possível. Entretanto, só se consideravam adaptar-se à classe regular como esta se apresentava, portanto, sem modificação no sistema escolar (BLANCO, 2003, p. 28 *apud* SOUZA 2018, p.36-37).

Nessa fase, as crianças deficientes passam a ter acesso à escola na classe regular de ensino, porém, desde que se adaptassem a realidade institucional, isto é, o aluno se adapta à escola e não a escola ao aluno. Embora essa fase tenha sido apontada como um avanço para a educação, não atendiam a inclusão, uma vez que os alunos tinham que se moldar às instituições de ensino.

A quarta fase, chamada de inclusão, surge em meio ao declínio da educação especial e muitas reivindicações que marcaram esse momento histórico, tanto de profissionais como dos familiares.

A partir da segunda metade da década de 1980, tem-se início o processo de discussão que entende que é a escola que deve adaptar-se para incluir o aluno. Tais discussões pressupõem: (a) valorização das diferenças individuais, como possibilidade de crescimento para todas as pessoas; (b) direito de pertencer e de não ficar de fora; (c) igual valor para as minorias. ( SCHLÜZEN *et al.*2011, p.151).

Dessa maneira, as escolas passam a valorizar o indivíduo considerando suas particularidades e incluindo o indivíduo, considerando seu crescimento e o inserindo socialmente.

Nos dias atuais, discutir sobre a inclusão é primordial para a toda sociedade. O termo “inclusão” sugere a garantia da participação social de quaisquer pessoas, considerando suas características e escolhas (religiosas, de gênero, étnica, física e etc...).

Dessa forma, o termo inclusão caracteriza a ideia de uma sociedade justa e igualitária e diferente de alguns marcos apresentados anteriormente, visa considerar o ser humano em sua totalidade. “Pensar a diversidade então, se configura numa visão ampla de mundo, pois, o ser humano precisa ser formado na sua totalidade, onde as suas diferenças sejam respeitadas e consideradas.[...]” (SOUZA 2018, p.42.)

Ao discutir sobre inclusão, é impossível não falar sobre o sistema educacional na qual sugere uma educação para todos, sem nenhum tipo de divisão, conforme a apresenta a Lei Nº 9.394 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.(BRASIL,1996, Art 2º).

Embora nos dias atuais o processo de inclusão ainda venha se fortalecendo, houve um grande salto comparado a tempos passados. De acordo com Sasaki (1997, p.40), “inclusão refere-se a um processo que contribui para um novo tipo sociedade por meio das transformações desde aos espaços físicos e a na mentalidade do sujeito[... ]”.

Essa perspectiva sugere que a inclusão aponta para possibilidades de inovações e descobertas, além de promover interação entre pensamentos, o que promove uma sociedade mais harmoniosa e acolhedora. Como sugere essa pesquisa, a junção de duas áreas aparece com o intuito de contribuir para a transformação e quebra de paradigmas.

## 2.2 SURDEZ E LIBRAS

Vários momentos marcaram a história da educação de Surdos. Segundo Cavalcanti (2011 p. 29): “[...] modificações foram sendo introduzidas na educação de surdos que podem ser

resumidas nas seguintes filosofias educacionais: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo”.

O congresso de Milão (1880) contribuiu diretamente para esse modelo de educação, o Oralismo. Nesse congresso, foi considerado que os surdos deveriam aprender a língua oral e que a Língua Brasileira de Sinais prejudicaria o desenvolvimento da criança surda. A partir dessa concepção, as escolas iniciaram a fase da oralização nas crianças surdas.

De acordo com Goldefeld (2002, p. 33), “O oralismo ou filosofia oralista visa à integração da criança surda na comunidade de ouvintes, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil o português)”.

Dessa maneira, o Oralismo considerava a surdez como uma deficiência que deveria ser minimizada através da estimulação auditiva. Para tanto, posteriormente, surge a Comunicação Total. Nessa fase todo recurso linguístico utilizado é considerado válido, seja por meio de sinais, oralização, dentre outros.

Segundo Goldefeld (2002, p. 39): “A comunicação Total, em oposição ao oralismo, acredita que somente o aprendizado da língua oralizável não assegura pleno desenvolvimento da criança surda”.

No Brasil a Comunicação Total, além da Libras(Língua Brasileira de Sinais) utiliza ainda a datilologia(alfabeto manual), o cued-speech ( sinais manuais que representam os sons da língua portuguesa) o português sinalizado ( língua artificial que utiliza o léxico da língua de sinais com a estrutura sintática do português e alguns sinais inventados para representar estruturas gramaticais do português que não existem na língua de sinais); o pidgin (simplificação da gramática de duas línguas em contato, no caso, o português e a língua de sinais).(GOLDEFELD 2002, p. 40)

O terceiro momento que marca a história da educação de surdos é o Bilinguismo. Esse método admite que a educação dos surdos deve ser considerada bilíngue. Segundo Goldefeld (2002, p. 43): “O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com culturas e língua próprias”, isto é, a comunidade surda tem uma língua natural e culturas próprias, e entendemos que isso precisa ser respeitado e que, para cumprir com esse respeito, a escola precisa ofertar as duas línguas.

A Língua de Sinais deve ser adquirida como língua materna, ou seja, como primeira língua e como segunda língua, a modalidade escrita. Quando o surdo a toma como primeira

língua, essa “propicia o desenvolvimento linguístico, cognitivo, psicológico e social tornando-indivíduos constituídos integralmente”. (GRANEMANN, 2014, p. 270).

Para tanto, após vários momentos de lutas que marcam a história de educação de surdos, em 2002 a Libras é considerada uma língua oficial da comunidade surda, conforme a Lei Nº 10.436:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002)

As línguas de sinais são línguas naturais, dispõem de estrutura e gramática própria, são “[...] constituídas de uma gramática, apresentando especificidades em todos os níveis, fonológico, sintático, semântico e pragmático[...]” (DONATO, 2011, p. 40). Dentro de sua estruturação existem os 5 parâmetros: configuração de mão; movimento; orientação; ponto de articulação e as expressões não-manuais.

É através dessas características gramáticas da língua, vinculadas à linguagem da dança, que as possibilidades criativas de aulas podem surgir. A prática criativa em dança levará em consideração as possibilidades da língua interligada com a dança para criação de novas maneiras de ensino.

### 2.3 POSSIBILIDADES CRIATIVAS EM DANÇA COM LIBRAS

A dança carrega em sua estrutura inúmeras possibilidades de criação. É a partir dessas possibilidades que a junção com a LIBRAS constitui um processo de criação/artístico, por meio da pesquisa e prática que necessariamente utiliza do campo das expressões do corpo e da face. Segundo Porpino (2018, p.64): “O movimento é pensante e sensível simultaneamente. Sentir, pensar e agir se imbricam, são recursivos, dialogam e se ressignificam mutuamente e constantemente no dançar. ”

Faz-se importante ressaltar que as áreas de estudo discutidas nessa pesquisa utilizam de particularidades de cunho visual, como as expressões faciais e corporais, que compõem a sua estrutura.



“As línguas de sinais[...] permitem a expressão de qualquer conceito-descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato- enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano”. (FERREIRA-BRITO, 1995, p.02 *apud* DONATO, 2011, p.41)

É através dessas características que o surdo consegue imaginar e criar seu próprio mundo, suas particularidades, sentimentos e sua imaginação. [...]“A língua favorece aos surdos a estruturação do pensamento, o acesso ao conhecimento de mundo, a aprendizagem dos conteúdos curriculares”. (GRANEMANN 2017, p.273)

É importante salientar que a Libras não pode ser comparada com a língua oral, pois possui gramática diferenciada e a ordem do enunciado difere uma da outra, visto que, as ordens dos sinais seguem regras que refletem no entendimento de como a pessoa com surdez recebe e compreende determinada informação.

[...] a mágica desta língua é a relação entre expressão corporal e facial e a construção de outros espaços em torno do corpo: as portas que se abrem, as casas que se edificam com as mãos, no imaginário do espectador, os objetos que se organizam nas prateleiras e gavetas que se abrem e se fecham, as esquinas que se desenham, as ruas que se cruzam, enfim, uma gama de informações que é enunciada no espaço, seja pelo signo reconhecido, seja pela percepção suscitada, numa relação de associações entre estruturas físicas, visuais, compostas pelas mãos em movimento. Os objetos do mundo se tornam corpo, e o corpo se torna signo. (JOSEPH, 2010, p. 34)

Nota-se a importância das expressões não manuais no universo da Libras. A dança é uma linguagem com características visuais e corporais e é a partir do corpo e de seus movimentos que a pessoa enxerga e compreende de maneira singular o que o outro quer transmitir através de sua expressão, Segundo Menezes; Feitosa (2015, p.10): “As expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial”. Destaco aqui a importância das expressões nesses dois campos de estudo.

A Língua Brasileira de Sinais, por ser uma língua de carácter visual-espacial, possibilita a criação e imaginação de suas próprias fantasias e entendimento do mundo. É através das mãos, da expressão corporal e facial que é dado vida as coisas. Levando em

consideração o tema aqui apresentado, a priori, são esses dois aspectos principais que me interessa para avançar esta pesquisa de forma gradativa.

O diálogo entre dança e Libras pode promover possibilidades de estimular a criatividade para a dança, assim como para a Libras, desenvolvendo potencialidades poéticas nas construções e ampliando a compreensão e construção de novos conhecimentos.

### **2.3.1 O corpo e sua distribuição no espaço**

O corpo expressa de maneira explosiva o que se quer expressar, sejam emoções, seja um questionamento, seja um acontecimento. Na Libras, essas expressões se fazem presentes e utilizam das mais variadas possibilidades. Assim como o espaço cênico na dança, que pode ser trabalhado de maneira exploratória, a Libras tem em um de seus parâmetros o espaço pessoal do sinalizador. Por meio dessas inquietações, é possível criar movimentações artísticas que possam brincar com essas possibilidades.

Um espaço que pode ser direto/indireto, que utilize de níveis e brinque com as possibilidades, fazendo com que o sinal em Libras vire didática metodológica e movimento em dança. Essa característica espacial na dança é conhecida como Cinesfera. Conforme Rengel (2003, p.32) “[...] cinesfera é a esfera pessoal do movimento. Determina o limite natural do espaço pessoal.”

Levando em consideração todas as formas que o corpo se coloca no espaço, essas possibilidades se tornam ainda mais enriquecedoras. Esta pesquisa, sabendo que o espaço pode ser direto e indireto, tem já dois princípios a serem explorados. A cinesfera “é a esfera de espaço em volta do corpo do agente na qual e com a qual ele se move. O centro da cinesfera é o centro do corpo agente, e/ou o corpo todo do agente é a locação central da cinesfera .” (RENGEL, 2003 p. 32).

Podendo haver expansão e contração através das extremidades do corpo no espaço que o circula, a cinesfera de cada sujeito é particular e tem relação com a maneira de como cada sujeito se movimenta em seu espaço pessoal. Na Libras o sinalizador exerce uma relação individual com sua cinesfera, pois cada pessoa sinaliza de maneira diferente: enquanto um sinal pode ser realizado maior e com mais tônus por determinada pessoa, o mesmo sinal pode ser sinalizado menor e com menos tônus por outra pessoa.

É possível também perceber o estado de corpo de um sujeito pela forma que ele se coloca no espaço, através do estado do corpo do indivíduo, juntamente com sua expressão facial e corporal, é comum depararmos cotidianamente com essas ações.

Ao aproximarmos a Libras e a dança, é possível brincar com esse corpo-espaço, tendo em vista que, as aproximações condicionam uma expansão entre o espaço do agente e o espaço que o circunda. A expansão e a contração do movimento se dão por meio do corpo-espaço.

A cinesfera é delimitada espacialmente pelo alcance dos membros e outras partes do corpo do agente quando se esticam para longe do centro, em qualquer direção, a partir de um ponto de apoio. Ela determina o limite natural do espaço pessoal. A cinesfera se mantém constante em relação ao corpo. (RENGEL, 2003 p. 32 )

Por meio dessas características estruturais, espacial e corporal, é possível criar e recriar possibilidades de aulas que contribuam para o desempenho e aprofundamento nos cursos de extensão em Libras, atrelados ao universo da dança.

### **2.3.2 A dança como ferramenta no curso de extensão em libras**

A dança é um meio de comunicação, expressão, terapia, comunicação e libertação. Sua prática contribui para valores físicos, sociais, mentais e morais, o que viabiliza a autoconfiança e liberdade de expressão. Segundo Holanda (2002, p. 199): “A dança tem suas finalidades, mas é importante pelos excelentes e gratificantes resultados que traz para a saúde física, mental e espiritual.”

[...] Quando dançam, esquecem os problemas, as diversidades e as tristezas. [...] Para nós educadores, é a fase da realização progressiva da personalidade. A dança deve ser vista, não como um modo de repressão, e sim, de libertação. [...] Afinal, a dança, no sentido geral, é a arte de mover o corpo, segundo uma certa relação entre o tempo e o espaço[...] ( HOLANDA 2002, p. 200)

A dança, se trabalhada como ferramenta no campo da Libras, especificamente nos cursos de extensão, pode contribuir diretamente para um melhor entendimento do próprio corpo e da expressão corporal e facial, tendo em vista que são parâmetros importantíssimos na gramática da língua brasileira de sinais.

Segundo Holanda (2002, p. 225): “Dançar é deixar fluir, através do corpo, um misto de sentimentos com consciência, apresentando vários elementos básicos como corpo, movimento, forma, ritmo, dinâmica e espaço”.

Através da prática de dança, tanto o sujeito consegue se desenvolver nessa área como na área da Libras, pois a mesma apresenta características espaciais e visuais, além de parâmetros que podem se desenvolver nas aulas práticas.

A função dos classificadores na Libras pode ser entendida como marcadores de gênero, pessoa ou objeto, sendo a este lhe dando a responsabilidade de dar forma a uma determinada ação. É possível ainda utilizar o classificador por representação da forma, o que faz com que o mesmo possa ajudar também na comunicação.

Classificador: Considerado por alguns pesquisadores o “berço” de nascimento das línguas de sinais como línguas naturais, trata se de um recurso próprio desta modalidade linguística, pautado na habilidade visual-motora própria da experiência visual como formadora do pensamento linguístico, expresso visualmente pelas mãos e corpo, assumindo diferentes funções gramaticais na língua de sinais. (JOSEPH, 2010, pág.187)

Para tanto, analisaremos a ementa de disciplinas do curso de extensão em Libras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), disponível no site da universidade conforme link disponibilizado nas referências. O curso oferece módulos de I ao VI e direciona vários temas distintos que são estipulados em cada módulo. Para tanto não existe nenhuma disciplina específica de expressão corporal direcionada por meio da dança, porém destaco alguns conteúdos incluídos no módulo V, que sugerem alguns temas que as aulas de dança podem intensificar e potencializar o corpo do sinalizador.

- Arte
- Música
- Teatro surdo
- Literatura surda
- Poema em Libras
- Piadas
- Classificadores

A dança, agregada como ferramenta metodológica, pode despertar no indivíduo a construção de um maior entendimento corpóreo e domínio espacial, além de aguçar a coordenação motora e a criatividade do sujeito, como especifica Porpino (2018, p.103) “O comunicar, na dança, é estabelecido pelos corpos dançantes e pelos corpos que apreciam o dançar”.

As criações infinitas, oriundas do meio artístico, podem ser utilizadas, por exemplo, dentro dos classificadores, na qual podemos identificar formas, tamanhos e detalhes. Dessa maneira, as aulas de dança contribuem para esse processo de criação e produção.

Considerada uma das artes, assim como o teatro, música e outras, todo o processo de interpretação seja por meio de música, poema, piadas etc... envolve parâmetros que são trabalhados nos cursos de extensão. Portanto, esse processo pode ser fortalecido, tendo como alicerce a prática criativa em dança e ainda, a expressão corporal, facial e espacial que pode desenvolver um novo olhar para o corpo do atuante, independente de sua área.

A poética corporal quando condicionadas a gramaticais da Libras, possibilita a sensibilidade e faz com que o corpo criador seja condicionado a unir esses dois universos por diferentes meios, seja ele criativo, reflexivo ou experimental, “[...] O mesmo corpo criador é o berço e a origem do movimento do mundo, como experiência sensível, na dança como expressão artística e na língua de sinais, como signo.”( JOSEPH, 2010. P.40)

Pensar em um processo criativo a partir de estruturas corporais concretas (do signo da LIBRAS) para chegar à abstração das mesmas até o puro movimento ou a partir de uma determinada estrutura de movimento para a associação deste a uma imagem (como uma imagem que lembra cansaço por exemplo), abre o espaço do imaginário ludicamente em movimentos de dança.( JOSEPH, 2010. P.44)

Tendo em vista que, o corpo ao se possibilitar criar totalidades novas, torna real a transformação do seu interior, pois, o corpo criador tornar-se a própria poesia que investiga, que propicia maneiras e condiciona uma forma de comunicação. Conforme Joseph ( 2010, p. 33) “ Pode-se dizer que a corporeidade se dá na síntese entre o sujeito que percebe e o mundo percebido, que estão essencialmente entranhados um no outro.”

### 2.3.3 Metodologias de dança nos cursos de extensão em Libras

As aulas de dança contribuem para a maior criação e desenvolvimento do sujeito como um todo, desde a expressão à autoconfiança. Segundo Laban (1978, p.67): “O corpo é instrumento de expressão por via do movimento.”

A criatividade de produção e de criação são ferramentas indispensáveis para potencializar o sujeito em sua totalidade, por exemplo: nas aulas podem-se utilizar as próprias configurações de mão para construção do trabalho corporal, criativo e imagético.

**Figura 1-** Configurações de mão



Fonte: arquivo pessoal da autora ( 2018 )

Na imagem acima, identificamos algumas das configurações de mão que foram utilizadas, bem como o alfabeto manual, pois a atividade partia desse princípio: primeiro sinalizar o nome e a partir da quantidade silábica do seu próprio nome, criar movimentos.

Exemplo: nome “Maria”- duas sílabas, portanto, dois movimentos criados pelo sujeito, de acordo com suas escolhas e criação. A quantidade de movimentos varia de acordo com o tamanho do nome: quanto mais sílabas, maior será o desafio para lembrar todos os movimentos.

Desse modo, com o uso das configurações de mão é possível aumentar mais ainda o nível de desafio da aula. Se com a quantidade de sílabas do seu nome já se tem uma pequena

célula de movimentos, ao escolher uma das configurações e pensar em um sinal que utilize aquela configuração, é possível aumentar ainda mais a criação.

Exemplo: configuração em “Y”: sinal “telefone”- 4 sílabas, portanto, 4 movimentos e com mais dois do nome Maria, totalizam 6 movimentos, criados individualmente. Esse exercício além de estimular a criatividade de cada sujeito, potencializa a memória, pois cada indivíduo precisa lembrar dos movimentos criados, o que contribui diretamente para o campo da Libras, tendo em vista que a língua é repleta de sinais e no campo da interpretação o intérprete lida a todo instante com isso.

A utilização de materiais que estimulem a percepção visual também é ferramenta indispensável. Por exemplo, a utilização de leques coloridos como ferramenta de comandos.

**Figura 2-** Leques coloridos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

Exemplificando: um leque roxo ao ser aberto, deve sinalizar um movimento no nível baixo; o leque laranja deve sinalizar um movimento no nível alto e um leque azul um movimento no nível baixo. Essa é apenas uma das maneiras de utilizar o leque como ferramenta, seja como aquecimento das aulas ou como proposta de criação coreográfica individual ou em grupo.

Na tabela abaixo, é possível perceber algumas das outras ideias possíveis de trabalhar a percepção visual e de criação através de elementos, nesse caso, dos leques. Ao perceberem o leque sendo aberto, cada cor terá comandos:

**Quadro 01-** Possibilidades de comandos para dinâmica com foco na percepção espacial e visual

Leque roxo	Leque azul	Leque laranja
Pular	Andar para trás	Andar lentamente
Girar	Olhar para um ponto específico	Sentar
Correr	Congelar	Gargalhar

Fonte: arquivo pessoal da autora (2021)

Ainda é possível relacionar os tipos de movimentos da Libras e brincar com possibilidades no campo da dança e, à medida que se recria possibilidades, também se aprende sobre um dos parâmetros da Língua.

**Quadro 2-**Tipos de movimentos de LIBRAS

Parâmetro da Libras- Movimento
Retilíneo
Sinuoso
Angular
Circular
Semi circular
Helicoidal

Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

A partir da construção e libertação, é possível criar novos movimentos e descobrir novas maneiras de mover. Assim, é possível experimentar essas possibilidades com os movimentos citados anteriormente, pois, no campo da dança, todo material é estruturado e transformado em ferramenta de criação.

O corpo criador é motivado por sensações externas e internas que misturam essas potencialidades e brincam com suas possibilidades. A poética da Libras por intermeio da



dança, contribui para a experimentações que coloca o sujeito criador como potencializador de seus movimentos e formas singulares de criação.

### 3 MÉTODOS

O objetivo central da pesquisa foi analisar a poeticidade em dança por meio da estrutura gramatical da Libras, considerando as possibilidades de desenvolvimento corporal para o universo criativo e metodológico em ambas as áreas. A metodologia da pesquisa aqui apresentada é do tipo bibliográfica a mesma refere-se a um tipo de pesquisa de produção científica, com base em materiais já publicados.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002 p. 44)

Para tanto, é preciso entender que, a pesquisa bibliográfica não é uma mera repetição de algo publicado ou dito. A mesma permite a discussão para um novo olhar sobre um determinado tema. Segundo Gil (2002, p.17), a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve diversas fases, desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados.

Para embasar e sustentar essa pesquisa, foi pensado primeiramente no tema e feito levantamentos bibliográficos para formular a problematização da pesquisa e a partir do levantamento, delimitou-se as informações úteis para embasamento do tema proposto por meio de análises e leitura crítica.

Diante do exposto, para fomentar o objetivo da pesquisa, a abordagem escolhida foi revisão narrativa que considera o relato de outras pessoas, conforme o entendimento do pesquisador. Segundo Rother (2007), A revisão narrativa descreve de maneira específica o estado da arte de um certo conteúdo, de acordo com levantamentos teóricos e contextual.

Esse tipo de revisão não fornece informações acerca das fontes de informações utilizadas, a metodologia para a busca das referências, nem os critérios levantados para a

avaliação e escolhas seletivas dos trabalhos. Organiza-se basicamente por meio de análise crítica pessoal do autor e da análise literária, seja por meio de livros, revistas ou artigos.

Na elaboração desse trabalho, utilizou-se livros, artigos, monografias e dissertações que foram retirados de sites, além de algumas das principais leis que asseguram a LIBRAS como língua oficial do Brasil. A revisão narrativa possibilita a aquisição e atualização de conhecimento sobre um determinado tema em curto período de tempo. No entanto, não possui metodologia que viabilize a reprodução dos dados e nem traz respostas quantitativas para determinados questionamentos (ROTHER, 2007, *apud* BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011 p. 125).

Os descritores aqui apresentados partem inicialmente da busca de duas áreas: a Dança e a Libras. O estudo da dança e suas potencialidades considerando suas estruturas como: espaço, corpo, movimento e metodologias e o universo da Língua brasileira de sinais, considerando sua história, principais marcos, além da estrutura gramatical em que se fundamenta a língua.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nos teóricos apresentados nesse trabalho, será apresentado aqui os resultados e discussões acerca do ensino da dança nos cursos de extensão em Libras e sua relevância para os sujeitos praticantes. Para isso, abaixo apresento três pesquisas de autoras que falam da dança inserida no contexto educacional de surdos, com base nos respectivos temas e ano de publicação. Analiso as metodologias utilizadas por esses profissionais e as estratégias usadas em suas práticas, interligando e discutindo com autores já referenciados anteriormente.

**Quadro 03**–Análise de trabalhos

<b>Trabalho e ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>
Dissertação (mestrado) Universidade de Taubaté, São Paulo, 2017.	OLIVEIRA, Sandra Maria da Silva.	DANÇA NA ESCOLA: uma experiência sob a perspectiva da arte na inclusão e desenvolvimentos de alunos surdos.

Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, 2010	JOSEPH, Tatiana WonsikRecompensa.	ENTRE A DANÇA E A LÍNGUA DE SINAIS, A CAIXA MÁGICA DA CRIAÇÃO: Possibilidades Interativas de Dança Com Surdos e Ouvintes.
Trabalho de conclusão de curso, (Licenciada em Dança), Universidade Federal de Alagoas. Maceió- AL, 2015.	SILVA, Maria Wilma Andrade Gomes Da.	Os desafios do ensino da dança para surdos: relato de experiência na Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmento em União dos Palmares- AL

Fonte: elaborado pela autora (2021)

A autora Oliveira (2017), apresenta um estudo sobre a prática de dança em uma escola pública bilíngue no interior do Rio de Janeiro. Considera as contribuições da dança no desenvolvimento dos alunos da instituição e a importância da arte através da dança para a inclusão desses alunos. Como instrumento de pesquisa a mesma utiliza de análise documental da instituição e Grupo focal. Segundo Oliveira (2017, p.65), “O Grupo Focal (GF) enquanto metodologia para coleta de dados visa produzir resposta na dificuldade de que as mesmas seriam difíceis de serem respondidas em entrevista individual, e o grupo incentiva aos mais tímidos a se expressarem.”

. A partir dessa troca de informações realizadas com alunos, pais professores e intérpretes, o estudo sugere que as pessoas que participam das aulas de dança têm uma maior consciência corporal, expressividade e comunicação. Como afirma Oliveira (2017, p.103) [...] “o surdo sente-se capaz de se expressar e se comunicar por meio da dança, e esta compreensão lhe proporciona segurança para então pensar, sentir e agir na sociedade”. Essa comunicação é impulsionada por meio da expressividade corpórea pois o corpo é o instrumento de inquietação, independentemente se investigado em salas bilíngues ou não.

A criação é despertada como função poética corporal, conforme Holanda (2002, p.205) “A prática de dança e suas funções benéficas, entre elas a expressão corporal, o uso do intelecto na criatividade e suas implicações sociais. [...]”

As inquietações sugerem um novo sujeito com mais criticidade e autoconfiança, pois, “assim como a arte, a dança se realiza por meio do corpo que é seu instrumento” OLIVEIRA (2017,p.104). Em suas considerações finais, a autora reflete acerca da evolução dos alunos por meio da prática de dança, embora apresente dificuldades no curso da praticidade, mediante a instituição, a prática realizada contribuiu para o desenvolvimento biopsicossocial, na

expressividade e criação individual de cada um, além da autoconfiança e reconhecimento de suas capacidades, o que evidencia e concretiza sobre a relevância da dança.

Já Joseph (2010) apresenta em sua pesquisa teórico-prática a investigação da dança e do corpo em cena, de surdos e ouvintes, baseada em que a corporeidade está presente em ambas as áreas. A mesma seleciona conteúdos que são comuns na dança e na língua de sinais e considera a possibilidade de dinâmicas integradoras e interativas. Sugerindo a criação de uma caixa geradora de criatividade. Conforme a autora Joseph (2010, p.111) “assim surgiu a Caixa Geradora de Criatividade: para tentar “guardar” a criatividade... mas sem poder contê-la, a caixa se tornou mais um espaço criativo no nosso processo de criação de dança.”

A criação desses materiais produzidos pela a autora, proporciona possibilidades de materialização, que são constituintes da interface entre a dança e a língua. Como apresenta em sua prática, o uso de cartas de configuração de mão como possibilidade de criação de posições corporais, macro e micro, conforme a letra do nome. Além disso, sugere a associação dos níveis espaciais (alto, médio e baixo) para cada postura criada.

Entretanto, a autora ainda apresenta novos materiais como o dado da pontuação, que em cada lado do cubo apresenta um sinal de pontuação Joseph (2010, p. 114) “Os lados do dado são compostos por sinais gráficos: interrogação, exclamação, ponto final, reticência, vírgula, dois pontos e ponto e vírgula”. Aborda ainda novas possibilidades de criações com os seguintes materiais:

Deste modo as frases de movimento que haviam sido criadas com as posturas e deslocamentos sofrem a alteração rítmica sugerida pela pontuação gráfica que, por sua vez, marca um ritmo tanto da fala quanto da sinalização.

As cartas de configuração de mão também podem ser jogadas em conjunto com outros dois tipos de dados: Dado de direção e modo do movimento: espiralado, circular, retilíneo para duas direções, curvilíneo para duas direções, lateral retilíneo para uma única direção, diagonal retilíneo para uma única direção.

O dado de direção e modo do movimento pode ser inserido para modificar uma frase de movimento criada a partir da dinâmica com as cartas de configuração de mão e o dado de ações corporais.

O dado de pontos de saída para o movimento entra no jogo, em diferentes pontos da frase de movimento e, ao final da estrutura, o que se criou tornou-se completamente diferente do que as posições corporais que haviam sido propostas para as configurações de mão primeiras. (JOSEPH, 2010 p. 114)

A autora apresenta diversas possibilidades de materiais metodológicos que podem ser utilizados em sala de aula como recurso, embora apresente aqui apenas alguns exemplos desses materiais que envolvem o corpo criador em dança e a língua de sinais, a mesma

mergulha nos universos criados por meios de jogos lúdicos que utilizam de textos, imagens, palavras, dados (com ações corporais, de parte do corpo e tipos de movimentos) técnicas de dança, dentre outras possibilidades que são inseridas em suas aulas. A caixa geradora serviu como ferramenta para diversas aulas e situações, considerando sua infinita possibilidade de criação como especifica a autora.

É importante ressaltar que uma das características da caixa é seu aspecto inacabado porque sempre serão concebidos mais materiais, pois a criatividade se expande a partir dos materiais que já existem para a criação de outros, que oferecem outros recursos, da mesma maneira que o estudo e a aquisição de uma segunda língua se aprimoram com os anos, bem como a prática e a vivência da dança nos permite redescobrir nossos próprios corpos constantemente, em diferentes momentos de nossas vidas e em diferentes contextos. Para aproveitar a língua, retifiquemos: uma das características da caixa é ser ela inacabável.(JOSEPH, 2010 p.157)

A autora Silva (2015), apresenta em seu trabalho discussões sobre a prática da dança para pessoas com deficiência auditiva e apresenta como sendo necessário a observação e a prática dentro de uma escola, com aulas de danças aplicadas para esse público alvo. Dentre as propostas utilizadas, a autora apresenta uma tabela de métodos adotados em suas aulas que foram realizadas posteriormente à observação pois, “a observação foi o ponto de partida na investigação dentro da escola em que consistiu à pesquisa”( SILVA 2015, p.50)

A mesma realizou uma oficina semanal que durou 4 meses nessa escola, e formulou uma tabela de intervenção para realizar durante suas aulas, contendo os métodos utilizados em aula.

Inicialmente foram trabalhados os gestos pantomímicos para o despertar da consciência corporal, em seguida as cores por meio de luzes em diferentes ritmos e batidas para a percepção e agilidades, e por último explorou-se os desenhos com figuras geométricas para orientação no lugar em consonância com o movimento corporal. Essa proposta não foi a de simplesmente testar o movimento com pessoas surdas, mas o de trabalhar essa proposta para a sua inclusão social no ambiente escolar e de reforçar laços entre os alunos para que não aja exclusão. (SILVA, 2015 p.50)

Conforme detalhado, a autora utilizou de metodologias com propostas espaciais e visuais para construção de suas aulas. Num primeiro momento, aborda a expressão livre do corpo através da pantomímica, afim de despertar a consciência corporal e criatividade de cada sujeito. No segundo momento, a percepção visual é utilizada como disparador inicial. Conforme destaca a autora Silva (2015, p. 55): “As cores mais claras como a luz branca, azul celeste e amarela representavam ritmos mais leves, com movimentos mais precisos, enquanto

que as luzes mais escuras, como o vermelho, azul royal e azul marinho para os ritmos mais pesados”. Por último, a atividade tinha como foco norteador o desenho de imagens e figuras geométricas, considerando o espaço e as altura (alto, médio e baixo) com relação às vibrações musicais.

A atividade partia do desenho por meio da análise pulsante do som, considerando linhas maiores para som com maiores amplitudes e linhas menores para som com menos amplitude. Foram trabalhados também diferentes ritmos para contribuir para a diferenciação, principalmente nos alunos surdos. Conforme Silva (2015, p. 58) [...]“Essa atividade teve como propósito a diferenciação de ritmos para a precisão de movimentos, a ideia é que eles possam dançar o que desenharam, conforme os traços feitos no papel e a força da batida, representada por meio de gestos. ”

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dança em interface com a Libras desperta novas descobertas e estruturas corporais que podem potencializar a prática no corpo do sinalizante e dos bailarinos. A expressão corporal, facial, criativa e espacial são elementos que são despertados e promovidos quando interligados. O mais interessante é perceber o leque de possibilidades metodológicas que a dança pode promover, tendo como disparador a língua de sinais. A criação e a descoberta são fontes importantes para o professor como uma engrenagem que gera novos descobrimentos à medida que é gerenciada.

A prática criativa em dança é vasta e ilimitada, pois, cada corpo é carregado de fragmentos que o constitui, pensante, atuante e poético. Conforme a autora Joseph (2010), a língua promove um leque de possibilidades. Conforme relacionados, a expressão do corpo e face em relação ao espaço, é possível criar cenas de objetos como casas, prateleira e gavetas que se abrem, dialogado por meio de estruturas visuais que são realização em torno do espaço, pois os objetos em torno do ambiente tornam-se corpo e o corpo signo.

Conforme afirma Laban (1978, p. 67) [...] “o corpo age como uma orquestra na qual cada seção está relacionada com qualquer uma das outras e é uma parte do todo.” A orquestra corporal pode ser entendida como uma ferramenta provedora da criação para as aulas de dança, na qual o aluno pode explorar sua potencialidade por meio do seu próprio corpo. À

medida que cria e produz, o aluno é condicionado a pensar em estratégias de criação e autonomia. Essa diversidade de produção pode estimular dentro da estrutura gramatical da Libras, como no uso dos classificadores e dos parâmetros EXNM.

Com base nos resultados apontados no corpo desse artigo, é possível compreender o que a dança sendo o próprio corpo, diz sobre essas particularidades e singularidades que cada sujeito carrega, na forma de enxergar, de se resolver, de comunicar, de falar, de dançar, de interpretar, de sinalizar. Portanto, essas singularidades contribuem para os objetivos traçados nessa pesquisa, pois cada indivíduo cria sua maneira de mover e reaproveitar o que lhe faz mais sentido para além da sala de aula.

Conforme visto no decorrer desse estudo, a inclusão pode ser vista conforme diferentes áreas de estudos; a metodologia criada por cada profissional e inovações são ferramentas que contribuem para a quebra de paradigmas sociais, uma vez que questionam, investigam e propõem maneiras diversas de ensino. Para tanto, considero importante a reflexão de novos olhares sobre a inclusão e metodologias de aulas, estimulando o repensar da Libras com a dança, à medida que nenhuma pesquisa é inacabada.

Ao optar pelo universo da Libras como área de pesquisa para o campo da arte, apresento possibilidades de conexões, ao mesmo tempo que amplio as concepções sociais acerca da comunidade surda, afim de despertar a sociedade, o meio acadêmico e cada indivíduo para possíveis interfaces entre áreas diferentes e contribuir para um mundo mais acessível.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Reulamenta a Lei nº 10.436, de abril de 2002, que dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 18 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23 de dez. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 8 de jan. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 8 de jan. 2021.

BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 23 de março de 2021.

BOTELHO, L.L.R; CUNHA, C.C.DE.A; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v.05, n 11, p.121-136, maio/agosto 2011.

CAVALCANTI, W. M. A. Tópicos principais da Educação Bilinge. *In*. DONATO DI, A; FARIA, E.M.B. (org); CAVALCANTE, M.C. B. (org) **Libras**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2011. P. 27-38.

CAVALCANTE, M. G. dos S. **Entre Dança e Libras: O processo artístico e pedagógico em dança por intermeio da Língua Brasileira de Sinais**. João Pessoa, 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciada em Dança) – Centro de comunicação Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

DONATO. A. DI. Aspectos linguísticos das Línguas de Sinais. *In*. CAVALCANTI, W. M.A. FARIA, E.M.B. (org); CAVALCANTE, M.C. B. (org) **Libras**. João Pessoa: Universitária da UFPB, 2011. P. 39-78.

GRANEMANN, J. L. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como L1 para estudantes surdos nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revelli**, v.9 n.2. p. 270-282. Junho/2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: ATLAS, 2002.

GOLDFELD, M. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 5ª ed. São Paulo: PLEXUS, 2002.

GRITTI, A.; RODRIGUES, A. G. Os desafios da inclusão escolar. **Revista Educação em Foco**, nº 11, p. 45- 48, ano 2019.

HOLANDA, H. **Eu e eles somos especiais, Relato de Experiência com pessoas portadoras de deficiências**. vol. 1. João Pessoa: IMPRELL GRÁFICA, 2002.



JOSEPH, T. W. R. **Entre a dança e a língua brasileira de sinais, a caixa mágica da criação:**Possibilidades Interativas para dança com surdos e ouvintes. Campinas, 2010. Tese (doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual De Campinas, São Paulo, 2010.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. 5. ed: São Paulo: SUMMUS, 1978.

MENEZES, J. E. S. A. DE; FEITOSA, Cléia, R. DE. S. **Língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. 2 ed. rev. Fortaleza: EdUECE,2015.

NOGUEIRA,C.M.I.; SCHMITT, B.D.; NOGUEIRA, B. I.; CARNEIRO, M.I.N. **Língua brasileira de Sinais**. Graduação EaD. Maringá: UNICESUMAR, 2018.

OLIVEIRA, S. M. Da S. **DANÇA NA ESCOLA: uma experiência sob a perspectiva da arte na inclusão e desenvolvimentos de alunos surdos**. São Paulo, 2017.Dissertação (Mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) Universidade de Taubaté, São Paulo, 2017.

PORPINO, K.DE. O. **Dança é educação:** Interfaces entre corporeidade e estética.2ed. Natal: EDUFRN,2018.

RENGEL, L. **Dicionário Laban**. 2 ed:São Paulo: ANNABLUME,2003.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista Enfermagem**, São Paulo, v.20, n.2, 2007.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHLÜZEN, E.; RINALDI, R.; SANTOS, D. Inclusão escolar: marcos legais, atendimento educacional especializado e possibilidade de sucesso escolar para pessoas com deficiência. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação:** formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 148-160, v. 9

SILVA, M. W. A. G. Da.**Os desafios do ensino da dança para surdos: relato de experiência na Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento em União dos Palmares-AL**. Maceió,2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciada em Dança),Universidade Federal de Alagoas, Maceió- AL, 2015.

SOUZA, S.R. DE.**Educação inclusiva: avanços e desafios da acessibilidade**.2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Gestão Pública) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, extensão de Libras. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes-CCHLA. Disponível em:  
<http://www.cchla.ufpb.br/extlibras/contents/menu/ementa>. Acesso em: 18 de jan. 2021.